

PEDAGOGIA DE CARTAZES: ARTES, SENSAÇÕES, VULNERABILIDADE E APRENDIZAGEM

Daniele Noal-Gai – UFRGS

Resumo

Este texto comete um exercício de escrita, inscreve-se nos estudos de arte e memória numa perspectiva contemporânea. Produz um estilo em educação e em artes, o chamando de Pedagogia de cartazes. Traz uma abordagem para a pesquisa que se vincula ao entendimento da memória como duração e, justamente por isso, atualização. Da filosofia nômade, como dos escritos de Henri Bergson, retiram-se argumentos de entendimento das faculdades intuitivas, com papel de conservar as ideias adquiridas ou combiná-las entre si. Questões importantes ao explicar o que os cartazes podem produzir na experiência da aprendizagem daquele em situação de vulnerabilidade. Uma vez que são visualidades, o que podem produzir naqueles que os percebem? Passou a ser mais um material de poluição das passagens, de informação sobre exposições, sobre Bienal? No caso específico da escola, como produz experiência visual, que é aprendizagem? Os estudantes com atenção, displicentemente, por acaso, por agenciamento, pelos inusitados dos dias, aproveitam-se do que os cartazes lhes mostram? Uma escritura é partilha do sensível, com ela colocar à mostra, em comunhão, coisas que são da comunidade.

Palavras-chave: Pedagogia de cartazes; artes; aprendizagem

PEDAGOGIA DE CARTAZES: ARTES, SENSAÇÕES, VULNERABILIDADE E APRENDIZAGEM

Este texto comete um exercício de escrita, inscreve-se nos estudos de arte e memória numa perspectiva contemporânea. Produz um estilo em educação e em artes, o chamando de Pedagogia de cartazes. Traz uma abordagem para a pesquisa que se vincula ao entendimento da memória como duração, e justamente por isso, atualização. Da filosofia nômade, como dos escritos de Henri Bergson (2014), retiram-se argumentos de entendimento das faculdades intuitivas, cujo papel é ou conservar as ideias adquiridas ou combiná-las entre si. Questões estas que são importantes ao

explicar o que os cartazes podem produzir na experiência da aprendizagem daquele em situação de vulnerabilidade. Uma vez que são visualidades, o que podem produzir naqueles que os percebem? Passou a ser mais um material de divulgação, de poluição das passagens, de informação, de publicidade, de campanha, de informações sobre exposições, sobre Bienal? No caso específico da escola, como produz experiência visual, que é aprendizagem? Os estudantes com atenção, displicentemente, por acaso, por agenciamento, pelos inusitados dos dias, aproveitam-se do que os cartazes lhes mostram? Uma escritura é partilha do sensível, com ela é possível colocar à mostra, em comunhão, coisas que são da comunidade, conforme as considerações que seguem neste texto.

I - Pedagogia de Cartazes e aprendizagem por sensações

Vale explicar que as impressões feitas neste texto foram escavadas de aulas, de coisas de escola, de coisas de posto de saúde, de coisas de hospital psiquiátrico, de espaços que se localizam entre a seriedade, o obrigatório, o singelo e a alegria pedagógica. Lembremo-nos que a pedagogia dita aqui é a de cartazes. Da matriz de experiência. Da importância Ética da experiência¹. Pela sátira inteligência do riso². Ética do riso. Ética da alegria. Pelo precário³ da vida. Pelas coisas caseiras. Pelo artesanal. Pelo terno na antropologia⁴. Pelo iconográfico nas artes⁵. Por brincar⁶. Pelas bobagens da rotina. Pelas leves bolhas de sabão. Por brisas e certa escuridão. Pela metamorfose de pedras e lagartixas. Pelo feitiço. Pela benzedura. Por xamanismos. Pela educação desescolarizada. Pela saúde desinstitucionalizada. Por coisas de escola. Por coisas de posto de saúde. Por coisas da comunidade. Nada aqui dá a ver a moral, a doxa, a norma. Se não, com os raios da vida, numa tarde talvez. Se não, com uma (e não duas) ética (viva) do brincar. Se não, com aquilo que instituímos em nós, aos tropeços (com certa perseverança; pertinácia; afinco; teimosia; insistência; tal um obstinado; aferrado; acintoso; pertinaz; apaixonado; apoquentador!): atos de alegria! Estes atos produzem aulas, que catapultam aprendizagens, que promovem a experiência da aprendizagem? Se pudéssemos falar das faculdades intuitivas sendo construídas por memórias arranjadas e

¹ Foucault (2010)

² Bergson (2005; 2007)

³ Nietzsche (2008; 2009; 2012)

⁴ Latour (1994; 2012); Viveiros de Campos (2007)

⁵ Didi-Huberman (1998; 2011; 2013)

⁶ Benjamin (2002; 2013); Agamben (2005; 2007)

conservadas com alegria, certamente afirmariamos as experiências visuais, das artes ou triviais, como motor para tais combinações de ideias.

Pensar em estratégias, reconhecer espaços, ter “sacadas inventivas”, reconhecer a comunidade como espaço de encontros, de práticas, de vivências, de trocas e de aprendizagens. Inserir, como formas de experimentação dos campos de observação: vídeos, produção de imagens, fotos, cartografias -- para reconhecer territórios vivos. O uso de tais dispositivos não deve ser pontual, é preciso estratégias persistidas, planejadas processualmente, que garantam prosseguimento. Indicações Pedagógicas: narrar fatos positivos e negativos sobre encontro, sobre cuidado vivido, sobre alegrias e amizades. Refletir sobre estes fatos, levantando elementos e pontos de intervenção e/ou manutenção das ações. Narrar um fato positivo e um negativo sobre encontro, cuidado vivido por terceiros. Relacionar os artefatos artísticos com textos teóricos avalizados. Vivências. Experimentações. Viagens. Imersão no campo, na pesquisa, no estudo, na observação, no serviço, nos estudos. Aprofundamento por afinidade. Trilha sensitiva. Trilhas comunitárias. Trilhas gastronômicas. Trilhas por botecos. Trilhas pelas cidades que habitam a cidade. Refletir sobre perguntas difíceis, enfrentamentos e sensações. Responsabilizações e encontros. Encontros provocados e ocasionais. Conversa com pauta, com analítica, com síntese, com proposições. Exercícios com aplicabilidade junto a alunos de graduação. Planejar enquanto estuda. Planejar justapondo ensino e aprendizagem. Textos claros, atualizados, dinâmicos e entrecruzados com exercícios e debates. Multiplicidade de aprendizagem, de percursos, de escolhas. Variação nos tempos, espaços, conteúdos, formas de expressão, encontros. Promover intervenção artística processual. Pesquisar enquanto estuda. Fazer anotações. Construir seu diário de campo, seu diário de imagens, seu diário de desenhos, seu diário de esboços, seu diário de rabiscos. Produzir narrativas e narrar. Fazer redes e conhecer as redes a serem feitas. Trocar informações. Fazer compartilhamentos. Tudo isso pode ser mostrado em um cartaz, com uma escritura justaposta a uma visualidade? Tudo isso pode ser mostrado como convite a ficar na aula e aprender? Tudo isso pode ser pequeno fragmento em cartaz de tamanho médio e de fabricação simples?

Por aprendizagem de sensações, este texto está organizado como um jogo de pequenas partes e de outras grandes partes. As pequenas partes são os detalhes e as grandes partes são os argumentos. Não necessariamente em ordem. Ambos poderiam

ser repetidos separadamente: detalhes e argumentos. As ideias são colocadas idiorrímicas⁷ no texto, ao modo de Barthes. Fragmentadamente, calmamente, um espírito de jogo vai contaminar, ao modo Benjamin⁸. Fragmentário, o texto vai sendo composto. Não são defendidas as ideias de um ou outro ponto do texto. Reunimos ideias em conservação de um único enunciado: Pedagogia de cartazes. Olhe para todos os lados, especialmente para aquilo que está abaixo do nível dos olhos⁹. Siga as indicações das paredes, os sinais nas portas. Circule pelos espaços, veja as placas que convidam a: entrar e sair e estacionar e resistir e matricular e aprender. Viaje por suas próprias escolhas de cartazes. Veja aquela primeira palavra, a ementa curta que provoca ficar. Alguma coisa antes da palavra convida a ficar, o anúncio é de descoberta e desassossego. A criação de expectativas é sua. Autonomia possível: a descoberta de uma aula anunciada em cartaz. A possibilidade de aprendizagem daquele que interrompe seu curso e vai até aquele beco anunciado no cartaz é fato a ser pensado! Tome-se em rotatividade, de cartaz em cartaz, de beco em beco, por algures. Sinta-se convidado ao texto, para pensar junto com (trata-se de um belo anúncio de cartaz): Benjamin, Agamben, Dostoiévski¹⁰ e Cortázar¹¹. Por aprendizagem eletiva. Em Benjamin, precisamente em “Rua de mão única¹²”, encontram-se suportes para este texto e a afirmação da pedagogia de cartazes. Experimentos na pedagogia de cartazes que envolve a escrita, a pequena escrita, os enunciados breves, os alertas de perigos. Experimentos de escrita para além de uma pedagogia com cartolinas, crafts, folders, anúncios, panfletos, quadro mural, informativos de postes, bilhetes de portas – e ao mesmo tempo usurpando tudo que tenha efeito de captura, inspiração, curiosidade, memória e promoção de aprendizagem. “É proibido afixar cartazes!” (Ibidem, p.27-28). Expressão curiosa e sancionadora daqueles que insistem nos cartazes esparramados ali.

⁷ “*idiorritmia, idiorrímico*: foi a palavra que transmutou a fantasia em campo de saber. Por essa palavra, eu acedia a coisas que podem ser aprendidas. O que não quer dizer que eu as aprendi”. “Uma fantasia (ou pelo menos algo que chamo assim): uma volta de desejos, de imagens, que rondam, que se buscam em nós, por vezes durante uma vida toda, e frequentemente só se cristalizam através de uma palavra. A palavra, significante maior, induz a fantasia à sua exploração. Sua exploração por diferentes bocados de saber = a pesquisa. A fantasia se explora, assim, como uma mina a céu aberto”. “É preciso deixar bem claro que, para que haja fantasia, é preciso cenário, portanto lugar” (Barthes, 2003, p. 12 - p.14).

⁸ Benjamin (2002; 2013a; 2013)

⁹ “Olha para todos os lados mas evita olhar para cima pois alguém lhe dissera que os humanos só participam nos acontecimentos abaixo do nível dos olhos, e esta expressão - abaixo do nível dos olhos - torna-se tão forte como a velha expressão - abaixo, ou acima, do nível do mar” (Tavares, 2010).

¹⁰ Dostoiévski (2011a; 2011; 2013)

¹¹ Cortázar (2013; 2014)

¹² Benjamin (2013)

No mínimo duas vezes presos ou colados ou pregados no mesmo local -- mesmo que proibido o local? Qual exatamente o tom da proibição? Dirige-se a proibição ao tom do cartaz: cores, letras, tipografia? Refere-se ao conteúdo, a matéria, a plástica das palavras? Diz-se não ao inconveniente autor dos cartazes? E quando se sabe quem é o extemporâneo cartazista? Proibido tudo que tem dentro das suas frases, de suas ilustrações em tom de ponto exclamativo?

Benjamin (p.27, 2013), logo após aquele título de alerta, com proibição de cartazes, enumera movimentos para a escrita. Ao tratar daquilo que não venha a prejudicar o fôlego do escritor e da escrita, e a continuação da mesma, ele enumera teses com técnicas de I a XIII. Assim, descreve “treze teses contra os snobes” e “a técnica do escritor em treze teses”. “Quanto às condições de trabalho, procure fugir à mediocridade da vida cotidiana. O meio sossego, acompanhado de ruídos pouco estimulantes, é degradante. Já o ruído de fundo de um estudo musical ou da confusão de vozes pode ser tão importante para o trabalho quanto o silêncio tangível da noite”.

II - Artes, risos, vulnerabilidade e aprendizagem

E afinal, a aprendizagem não é mesmo uma aventura? Jogo e aprendizagem. Nos livros de jogo e educação tudo é tão psicologicamente calculado. Estranhamos saber que cada caixa deve ter sua etiqueta. Etiquetas com letras miúdas que informam sobre o que está contido dentro da caixa. As caixas precisam ser empilháveis. É importante certa organização no ambiente. Um ambiente organizado requer prateleiras. Um jogo sai e em seguida outro volta -- para a prateleira. Cada jogo que sai pode ser usado até três vezes. Não faça uso abusivo de um único jogo. Conheça outras versões do mesmo jogo. Estranho o jogo ser indicado para uma idade. Estranho que a idade está relacionada ao que pode se desenvolver com aquele jogo. A idade para o jogo também indica as habilidades do jogador. A etiqueta indica quem tem maturidade para ir até o final do jogo. Indicado para ter idade, para ter aquelas habilidades e para ir até aquela etapa de jogo. Estranho que cada etiqueta de jogo informe a idade mínima e uma idade máxima para uso do jogo. Que bom que aquele que joga não é apenas a etiqueta de um jogo. O jogador é o desafiado, pelo jogo, pelos comparsas e pela educação lúdica de si. Um grande susto provoca a informação de que eu não posso jogar grande parte dos jogos organizados minuciosamente naquela brinquedoteca. Ou melhor, não se tratava de uma

brinquedoteca para crianças. Era um arquivo, belíssimo e digno de cuidado minucioso. Estranho que apenas adultos possam fazer uso daqueles brinquedos, que por sua vez não podem ser manuseados rapidamente pela ordem da curiosidade. Estranho que enquanto organizamos separamos. Estranho que programamos espaços lúdicos que separam a curiosidade do jogo. Pegar aquele objeto qualquer e descobrir toda sua mágica imediatamente não é tão indicado assim. Aquela brinquedoteca era para quem quer brincar. Brincar onde mesmo? Quer brincar? Saia daqui e vá lá fora. A brinquedoteca armazena os jogos e você retira para brincar em qualquer lugar. Legal, vamos fugir. Vamos fazer fugir os jogos! Contudo, a pergunta inicial era sobre o ordenamento dos jogos e da vida em jogo sob uma perspectiva psicologicamente correta.

Aprendemos que com os jogos desenvolvemos. Desenvolvemos o quê mesmo? Tanto desenvolvimento. Tudo se desenvolve. Que bom então! Vamos prescrever? Joguem! Joguem em diferentes lugares. Joguem em diferentes configurações. Joguem em diferentes grupos. Joguem em diferentes momentos da vida. Joguem em diferentes posições. Joguem em dias da semana diferentes. Joguem diferente em situações diferentes. Joguem pelo prazer. Jogue! Faça uso dos seus jogos de ideais. Jogue com seu espírito de jogo. Brinque com jogos simples. Utilize-se dos brinquedos para aprender. Aprenda brincando com trecos e cacarecos. Brincar requer mais sensações do que etiquetas. Brincar exige rotatividade e nenhum pouco de organização. Rode pela casa. Visite os vizinhos. Corra na rua de bicicleta. Jogue bola no parque mais próximo. Pule no jardim. Extravase suas músicas. Fabule! Cirande! Resgate toda a energia das cirandas, e rode! Estranho mesmo é o professor ser convidado a jogar contido, atento às prescrições do jogo, com atenção às etiquetas, com alerta aos perigos. Jogo e educação: faz-se com convites ao perigo. Jogo e educação: faz-se com convite a idiotia e a pieguice. Jogo e educação: faz-se com cartazes, gincanas, cartas e alegria. Não é tarefa fácil. Invista em leituras de Benjamin (2002; 2013) e Winnicott (1975) e poderá dar em “espírito de jogo”. Pensando também nos colocamos em jogo! Diante de convite, por exemplo, para dar aula de jogo e educação em ambiente virtual de aprendizagem, em sala de aula virtual, e nenhum encontro presencial: imaginação! Caso sério a tal imaginação. Caso sério para um educador. Caraminholas a serem colocadas em prática em um espaço de pura sensação. Quais sensações seriam relevantes? O tema é jogo e como jogar, como colocar-se em movimento de jogo? O jogo que vem, diria

Agamben¹³. Contaria que para um professor que põe alunos a jogar é mais importante saber ensinar a estudar do que a jogar. Ensinar a estudar exige criar estratégias particulares para cada aluno (junto ao aluno) se conectar com o desejo da aprendizagem. Sair da ideia de “aluno diagnosticado”, “aluno tímido”, “aluno coitado”, “aluno que não sabe nada”, “aluno mais ou menos”, “aluno com dificuldades de aprendizagem”, “aluno em situação de vulnerabilidade”, “aluno abusado ou violentado”, para capturá-lo pela alegria da experiência da aprendizagem. Afirmar-se, produzir a si, pelo que aprende e que transforma em vida. Provocar gostar da investigação de conceitos formais em meio a limitações cognitivas tão marcadas pelos instrumentos formais de avaliação. Burlar, sim, a rigurosidade das avaliações em detrimento de um planejamento que seja compartilhado e aberto.

Confrontar tudo que se possibilitou em termos de experiência e que foi cumprido com excelência pelo “aluno diagnosticado”. Diante do aluno se fazendo aprendiz, um fazer aulas bem planejado. O planejamento das intervenções pedagógicas é muito anterior ao contato com um aluno e um diagnóstico. Um planejamento de aula ou de atendimento ou de consulta ou de terapia exige: linhas de cuidado. Ter modos de condução que favoreçam a permanência e a aprendizagem. Como usar aquele restinho de curiosidade e esforço intelectual? O que ainda sobra das dificuldades tão cheias de siglas e nomes? Um menino, uma menina, o Jeremias, a Ana Lua? O que necessariamente entender absolutamente: de desenvolvimento e/ou de aprendizagem? Seria um equívoco a Pedagogia de cartazes dedicar-se a um ou outro, mais importante é a aprendizagem (em alguma medida) acontecer. Aprendizagem por sensações, certamente. Sob o alerta de que mais importante do que saber o aluno e o diagnóstico dele, para colar um ao outro, melhor mesmo era saber olhar para o aluno com todas as informações que ele traz e mais um tanto que podemos auxiliá-lo a criar. O que acontece na sala de aula comum é um contrato que fica sobre o controle do professor. O contrato só pode ser feito em grupo, num coletivo atento a Ética da amizade. A dúvida é sobre qual controle o professor necessita exercer. Controle das listas de presença. Controle das avaliações. Controle da participação. Controle do envolvimento. Controle do entusiasmo. Controle da alegria. Controle da aprendizagem. Controle da

¹³ Agamben (2007a)

permanência. Quem exerce o controle o faz pela profanação. Profanar em Agamben¹⁴: “significa tirar do templo (fanum) onde algo foi posto, ou retirado inicialmente do uso e da propriedade dos seres humanos”. “Profanar é assumir a vida como jogo”. É na sala de aula, num picadeiro, na zona da aula, que se coloca no limite a experiência da aprendizagem de sensações. Na sala de aula a linguagem e a experiência são levadas ao limite (recomenda-se ao menos).

Das séries das artes. As séries da televisão, dos filmes, dos cinemas, das prateleiras de videolocadoras, das personagens de ficção científica: agem sob o encantamento e aprendizagem. Qualquer série como coleção de boas lembranças. Qualquer série que lembre fixação. Qualquer série que seja da ordem da obsessão. Um colecionador é um compulsivo por séries raras. Um colecionador é um seriador. Quem coleciona tem o prazer da série. Colecionam-se objetos de encanto, que provocam encantamentos. Aquele organizador de séries é um tanto desarranjado em sua obsessão. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem sua obra. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem a obra de outros. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem a obra de arte¹⁵. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos disparadores de sua obra. Os estudos para a iniciação de projetos de arte têm muito de: obsessão por séries; por coisas em repetição; por coisas parecidas; por elementos sequenciais; por objetos colecionáveis; por aquilo que apresenta semelhanças; por séries de tons; por séries de pincéis; por séries de repetição; por séries de livros; por série de autores; por série de romances; por linhas de fuga. Um artista, de modo amplo, é aquele que coleciona fotografias, filmes, danças e movimentos. As séries de aprendizagem devem se dar somente por multiplicidade, por variação e alternância. A sequenciação de aprendizagem só pode servir a provocação de outras novas sequenciações. Nunca uma série deve seguir rigor outro que não aquele da descoberta, da curiosidade e do aprofundamento de estudos. O rigor das séries num jogo de canastra. A lógica apenas da série num jogo de tabuleiro. Num jogo de dados, jogue suas séries!

¹⁴ Agamben (p.10, 2007)

¹⁵ “A arte – para aquele que a cria – torna-se uma experiência cada vez mais inquietante, a respeito da qual falar de interesse é, para dizer o mínimo, um eufemismo, porque aquilo que está em jogo não parece ser de modo algum produção de uma obra bela, mas a vida ou a morte do autor ou, ao menos, a saúde espiritual” (Agamben, p, 23, 2012)

Aprendizagem a granel. Elementos sortidos. Balas sortidas. Lápis a granel. Cereais a granel. Frutas a granel. Feira e ecologia. Cartazes de feira. Cartazes do bairro. Mapas-cartazes. Trilhas-cartazes. Cartaz de reunião de bairro. Cartaz de alerta: cuide da sua rua, da sua calçada, da sua fachada! As múltiplas ecologias. A sustentação das variações da comunidade, do comunitário, da ecologia do lugar, das conectividades com a diversidade de quem ali se aconchega. As experimentações em atelier de aprendizagens a granel. Experimentações de aprendizagem avaliadas e reprogramadas pelos docentes em conjunto com a comunidade. Comunidades reunidas em horas de lazer, prazer, criação, produção. Garantir espaços de experimentação e vivências escolares relacionais àqueles alunos que não respondiam às exigências do currículo escolar formal. Fato é que quando abrimos o currículo à experimentação temos uma afirmação da aprendizagem e da sua eficiência. São feitos investimentos de aprendizagem intensos e extensivos, ao mesmo tempo mais leves, numa velocidade que empreende diversidade e que não necessariamente a respeita. Empreender a diversidade, significa, na Pedagogia de cartazes, abrolhar coisas de escola que sejam dinâmicas, criativas, porém, pela ordem da cartografia, do absurdo, da mistura, da alternância, das artes. Considerar a diversidade nas saídas e entradas no currículo significa trazer a criação para o centro do trabalho pedagógico. A diversidade só pode ser uma espécie de variação nas formas de aprender e ensinar. Uma multidão compartilhando variações e aprendizagens. Apenas podem ser sortidos aqueles objetos que vem em expedição e a granel.

III - Partilha do sensível, artes, aprendizagens e coisas da comunidade

Sobre a maturação dessa proposta, ou das fases de aprendizagem, que não estão condicionadas a normalização dos corpos, classificação, maturidade ou seriação. As leituras da psicologia da educação estão tomando espaço demais nos projetos pedagógicos das escolas. Há exageros na referência à aprendizagem pelo desenvolvimento e do desenvolvimento pela aprendizagem. Dizem tão pouco de uma proposta de cotidiano escolar. Coisa mais simples, da ordem do trivial. Um projeto de cotidiano escolar (preferiria ler mais disso). A fotografia, tomemos como exemplo, possibilitaria a alunos com deficiência outras maneiras possíveis de enunciação,

parresía¹⁶, escritura, enfim, de plástica da verdade¹⁷? A escola planejaria e avaliaria doutro modo, com a fotografia?

Parece-me um desafio falar de avaliação diferenciada, prefiro apostar em procedimentos e didáticas diversificadas, que culminariam em avaliações também diversificadas, com múltiplos recursos, parafernálias, meios e técnicas. Estes, por sua vez, poderão além de auxiliar a diagnosticar a aprendizagem, servir de potência para mobilizar outro planejamento, um planejamento de outras novas estratégias e outras novas aulas e outros novos procedimentos. A aula não foi arquitetada para formar especialistas na disciplina. Catar a sua prática. Em dias módicos. Em encontros semanais noturnos. Tons de giz. Cartazes. Quadro negro. Cadernos com texturas e amplitudes diversas. Dobraduras. Origami. Orientados para um em si sem comparação sem cabimentos sem outrem para cotejar. Orientados à produção à transformação, a julgar-se. Aprendem o que significa educação experienciando os possíveis daquela criação que só pode ser mútua.

Como fugir de espaços de mediação, de orientação, de ortopédica, de terapêutica? E passar a espaços de produção, de criação? Como constituir uma experiência em educação na qual alguém se reconheça nela? Outras didáticas, sensíveis, sejam elas virtuais, expositivas, demonstrativas ou intuitivas: experimentais! Em espaço para além da sala de aula e com registros de impressões a serem, sempre, compartilhados. O que significa uma rede em correlação, e não apenas um professor a frente de sua turma. Convocando a escola, como comunidade, a viver junto as expressões indizíveis e inclassificáveis de um varal de fotografias, por exemplo?

Parece, sobretudo, que a avaliação pode tomar força de revisão de procedimentos por parte do professor. Foto e não provas ou testes de aprendizagem? Qual a viabilidade dessa plástica da vida na escola? E, sem dúvida, aquele aluno com deficiência poderá, de modo diversificado, modelar, escrever, pintar, bordar, desenhar, ler, escutar, sorver, falar, anotar, degustar, recortar, calcular, passear, cheirar: para ir fotografar. Ficar quietinho. Planejar o click. Avançar e estacionar sempre que o cansaço ou tédio se instalar. O aluno com deficiência teria, dessa maneira, mais tempo para dar uma resposta, pesquisar, ir à “Lan”, para usar a Internet, para pesquisar nas “Wikis”,

¹⁶ Foucault (2011)

¹⁷ Foucault (2011)

para vagar por bibliotecas, para trocar informações com gente experiente, para experimentar coisas... Um tempo intenso, em vida, em meio às experiências, em meio a propostas intensas de aula e convívio com o disparate. Para a produção de outros corpos, corpos da diferença, pensemos música, algo que se compõe tal música, música que embala e dança. Tentemos pensar o déficit como potência? Na potência de agir, na estimulação maior, na complexificação das coisas, na invenção de si, na ampliação do mundo, na musicalização das formas, na diversificação de parafernália e trechos da vida: talvez aí fugas.

É importante, portanto: não procurarmos moderações leves, graves, severas, complexas de dor, doença, loucura, retardo, déficit; não procurarmos quem pode e quem não pode ir à escola; não procurarmos quem pode e quem não pode aprender; não procurarmos quem pode e quem não pode interagir com outros; não procurarmos quem pode e quem não pode ser incluído ou excluído ou cuidado ou escutado ou conduzido. No desenvolvimento de corpos. Aprendizagem por sensações: de leituras, de planos de aula, de aulas. Aprendizagem que se dá por sensações multiplicáveis, apenas pelo encantamento e contaminação. Aprendizagem de sensações comuns a um coletivo. Aprendizagem de sensações singulares. Aprendizagem que não pode ser copiada doutros. Aprendizagem por sensações compartilhadas: apenas em narrações, por legendas, por descrição, por tradução, por exposição, por hiperlinks. Neste texto o que se mistura não aparece em citações e referências. Texto misturado que não pode retirar um trecho daqui e colar lá. Uma mistura. Separar não é mais uma possibilidade, invistamos no que nos sobra. A contemporaneidade requer a mistura, a sobrevivência no que se mistura se multiplica e sobra. Os encontros de corredores e simples gestos e o tom de voz e as cartas: tem muita presença. Pelos modos do professor inventar suas aulas.

Este texto trata de uma investitura em uma didática do compartilhamento, promotora de aprendizagem por sensações. Inventores de fugas, somos. Amorosos, absolutamente. Confidentes, sempre. É preciso contar mais detalhes. Inventaremos mais detalhes, pois que só servirão para pensar e pesquisar. Namoros e cochichos e ciclos e grupinhos e etapas e recreio e lanche e idades. Justamente para pensar os instantes singulares que compõem a vida escolar: os jogos, os encontros de corredores, na sala de aula, nas séries, nas turmas, nas eletivas, nos ciclos, nos grupinhos, nas etapas, no

recreio, no lanche, nas idades, nas fases de aprendizagem, no desenvolvimento de corpos, nos namoros, no cochicho...

Este texto quer alertar acerca de falhas ou dificuldades serem resultantes de processos de vida cíclicos, de um ciclo enfrentado por uma criança. As dificuldades de qualquer natureza não podem ser fardo daquele que as enfrenta. Talvez empecilhos para um percurso sejam motivos para confrontar mecanismos de vida ainda não acessados. Necessários são: rodeios e gambiarras da ordem do enfrentamento de problemas. Colocar-se em processo de problematização e resolutividade. Talvez não sejam os ciclos e as mudanças empecilhos para a aprendizagem das crianças. Ou se deve pensar que a rotatividade é negativa? Deve-se pensar que a rotatividade diminui os momentos lúdicos? A aprendizagem por sensações exige rodar. Como nos dedicamos à vida que gira? Propondo uma educação que gire, circule, envolva e encante? Passemos a pensar o lúdico como um espírito que pode ser instituído por simples gestos, pelos modos do professor inventar suas aulas, pelo tom de voz, pela didática, por convite, pelo ar, pelo pátio, por cartas, pelos cartazes. Olhemos para quanto formalismo se instaura ao longo dos anos escolares. Assim que aprendemos a brincar de sentar no lugar certo, logo passamos a brincar de ficar calmos e silenciosos para aprender. E afinal, a aprendizagem não é mesmo uma aventura?

O que traz o entusiasmo conceitual, o ânimo do estudo, o que enfrenta as dores e permanece, faz ficar, obriga querer olhar mais perto, embora envergonhado, embora sem jeito. Mesmo que com dúvidas, se quer permanecer. Alguém, alguma coisa, algum elemento, todos os vãos: algo é quereçoso, e quando o é? Quais são as vidas que se superam aí? Alguma vida respinga aí? O que se quer alertar aqui é que uma didática requer cuidados e atualizações. Intensidade e extensividade nas formas mofadas. Didática prestes a ser artesanalmente troçada. Uma didática não existe, pronta, a copiar os passos, ela precisa de operadores. Uma didática não é uma dinâmica de grupo para pôr a conversar. Uma didática tão pouco pode viver anos sem variações. Uma didática não pode enfadar. Uma didática não se presta a deixar mais fácil os conteúdos. Uma didática não preenche um currículo, pois que faz o currículo. Uma vez que é preciso viver os modos de fazer as coisas – ou a didática da coisa - minimamente, com entusiasmo e saúde: cuidemo-nos por dentro delas. Quem dali faz evaporar-se? Diz-se que em grande parte das aulas, das disciplinas, das etapas, dos seminários, que o

cansaço abate, a tristeza arrebatada, as flores secam. Quando é que cabe um pouco: dos descabimentos, do ar, da suspensão, da criação, dos blocos de sensações evasivos, os blocos de criação? Como quem molda bolha de sabão, moldar a didática. Sim, moldá-la plasticamente. Isso requer entender de generalizações, como das minúcias e miudezas de uma atuação pedagógica. As grandes intenções, aquelas políticas, são postas em evidência nas arenas de estudo deste currículo. Uma boa memória celebra seus acúmulos e, especialmente, a revitalização e vigor dela mesma. Uma memória em atualização: assim se faz um retorno às produções de uma didática com idade bastante avançada. Uma vez que as práticas pedagógicas inovadoras são requeridas pela contemporaneidade, uma didática outra é exigida em um currículo outro. Um currículo composto por núcleos de formação compartilhados e abertos. Que se faz em meio a experimentações nômades, generalistas, evasivas, eletivas. Nem excessivo tampouco vazio, e abrasador de aprendizagem. Uma lista com formações sedentárias entre os núcleos de formação. Lista de passagens, de conectividades, de combinações, de alternâncias, de variações, de sobreposições. Espaços que mobilizem os movimentos, os processos, os atravessamentos, os cruzamentos, as paragens, as passagens, as trocas de saberes. Ideal, somente àquele que faz as escolhas de suas disciplinas, de suas aulas, de seus professores, de seu currículo. Ideal para aquele que se equivoca e reprova em seus próprios arremessos. Currículo não escolarizado, pelos esforços de oposição, de revisão, de minoração, de luta.

Parte-se do ponto em que a artesanaria se dá quando as palavras se unem em frases, quando as letras se juntam, quando os sentidos são inventados, quando um problema de vida vira Pedagogia. A artesanaria do pensamento requer saber bordar, saber fazer sopa, saber fazer mexido de feijão e arroz, moer cana, saber olhar para todos os lados, em perspectiva. A partir do que sobra, das misturas da vida, do que em meio à vida se faz, produz-se pensamento e escritura. O que se pensa, se enuncia, se vocifera, se informa, se repensa, neste caso, de tese, se escreve. Na pós-graduação, em espaços onde dissertar é oportuno ao pensamento, façamos uso dos excertos e autorias, como políticas de escrita. Defender uma escrita para assim se sentir escritor ou autor? Se for para ler em voz alta e observar as reações que podem ampliar a amorosidade pelo texto. Inscreva-se em seus movimentos de escrita: mesmo em textos anônimos, em textos indefinidos, em textos secretos, em textos impessoais, em textos genéricos, em texto no gerúndio. Leituras de todas as ordens são profícuas. Esqueça as notícias. Deixe de lado,

ao escrever, o que está circulando facilmente. Leia coisas novas para você. Veja o que o rapazinho sentado ao seu lado no banco do ônibus lê. Desça logo em uma livraria e consuma inteiro o que lhe convier. Perverta as leituras do orientador. Leia coisas que tragam mais e muita saúde. Não se sabe quais são as boas leituras para fazer bons escritores. Os teus bons exemplos não são plausíveis a todos. Nem todas as tuas escritas serão lidas. Algumas linhas e inúmeras páginas podem ser desprezadas. Anos não são pré-requisitos para a escrita. Escrever como exercício intelectual é requisito para melhoramentos. Escrever para se cuidar, para cuidar de alguém, para dizer que está por perto. Escrever bilhetes. Trocar cartas. Afixar informações importantes em murais. A vida se mistura com a escritura. Uma escritura é partilha do sensível¹⁸. Com ela colocar à mostra, em comunhão, coisas que são da comunidade. Partilha do sensível que dá forma à comunidade. Escritura que partilha, arranja e fragmenta as partes – somente do que é comum a pelo menos dois. Um pequenino cuidado arranjado. O cuidado em saúde está para o cuidado caseiro (daquele que sabe a dose dos chás curandeiros a cada boca que beija). A poesia como operadora no desfazimento de diagnósticos. Pois que uma ética se faz no encontro com quem tem um nome, sobretudo. Fazer um jogo de aprendizagem, misturado com sensações de alegria, fazer encontros, ter encontros, inventar alguns. Isso é pura perversão, e Spinoza¹⁹ vem ao encontro. Encontro alegre como produtor de potência, e os encontros alegres não se dão apenas com pessoas, mas com coisas, com elementos, com aprendizagens também. E porque não ter um Encontro afetivo com uma escritura em cartaz, sobre Bienal, por exemplo. Cadê nosso tempo e capacidades disponíveis para esses Encontros? Vamos implementar! Precisa-se então de uma bolsa com referenciais importantes em uma investigação baseada nas artes²⁰, que vá desde às artes e infância, à arte contemporânea como às filosofias nômades.

IV – Bibliografia

- Agamben, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- Agamben, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.
- Agamben, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

¹⁸ Rancière (1995)

¹⁹ Spinoza (2009)

²⁰ Belidson (2013)

- Agamben, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- Barthes, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Benjamin, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- Benjamin, Walter. **Imagens de pensamento**. Sobre haxixe e outras drogas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.
- Benjamin, Walter. **Rua de mão única**: infância berlinense, 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- Bergson, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Bergson, Henri. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Bergson, Henri. **Aulas de Psicologia e de Metafísica**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- Cortázar, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- Cortázar, Julio. **A autoestrada do sul & outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- Dias, Belidson & Irwin, Rita (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte**: A/R/Tografia. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- Didi-Huberman, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- Didi-Huberman, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- Didi-Huberman, Georges. **Diante da Imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- Dostoiévski, Fiodor. **O eterno marido**. Porto Alegre: L&PM, 2011a.
- Dostoiévski, Fiodor. **Notas do Subsolo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- Dostoiévski, Fiodor. **Memória da Casa do mortos**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- Foucault, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Foucault, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros. Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- Latour, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 1994.
- Latour, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

Nietzsche, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

Nietzsche, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nietzsche, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Vozes, 2012.

Rancière, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Spinoza, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Tavares, Gonçalo. **Uma viagem à Índia**: melancolia contemporânea. São Paulo: Leya, 2010.

Viveiros de Campos, Eduardo. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas. In:

Ribeiro, Darcy. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

Winnicott, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.